

PRODUTIVIDADE LEXICAL E PRODUÇÕES LEXICOGRÁFICAS EM UMA LÍNGUA SINALIZADA

LEXICAL PRODUCTIVITY AND LEXICOGRAPHIC PRODUCTION IN A SIGNED LANGUAGE

Hadassa Rodrigues Santos

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Resumo: Este artigo apresenta um recorte das produções lexicográficas e terminográficas da Língua Brasileira de Sinais – Libras, emergentes no contexto acadêmico brasileiro, e os principais processos morfológicos envolvidos na expansão lexical de uma língua sinalizada. Tais processos e produtos refletem a ocorrência de neologismos coletados em espaços universitários que resultou no registro dessas novas unidades sinalizadas. Este trabalho fundamenta-se em estudos que contemplam o fenômeno da produtividade lexical com ênfase nos processos neológicos verificáveis em línguas de sinais. Apresentamos os aspectos lexicais envolvidos na formação de sinais em línguas de modalidade distinta da oral sob o viés da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993) e os produtos lexicográficos e terminográficos produzidos em Libras na última década, e a sua importância no contexto universitário brasileiro (FARIA-NASCIMENTO, 2009; CASTRO JÚNIOR, 2014; COSTA, 2012; OLIVEIRA, 2015). Os produtos e processos observados atestam que essas línguas são plenas e vivas, ampliam-se naturalmente a fim de atender a novas necessidades comunicativas e expressivas de seus sinalizantes, a exemplo de qualquer outra língua. Pretendeu-se, com este trabalho, oferecer subsídios para a compreensão da estrutura e do funcionamento de línguas de sinais e, sob perspectiva mais abrangente, de línguas naturais.

Palavras-chave: Produtividade; Lexicografia; Libras

Abstract: This article presents a review of the lexicographic and terminographic productions of the Brazilian Sign Language - Libras, emerging in the Brazilian academic context, and the main morphological processes involved in the lexical expansion of a signaled language. Such processes and products reflect the occurrence of neologisms collected in university spaces that resulted in the registration of these new signaled units. This work is based on studies that contemplate the phenomenon of lexical productivity with emphasis on verifiable neological processes in sign languages. We present the lexical aspects involved in sign formation in languages other than oral, under the bias of Distributed Morphology (HALLE; MARANTZ, 1993) and the lexicographic and terminographic products produced in Libras in the last decade, and their importance in the university context (FARIA-NASCIMENTO, 2009; CASTRO JÚNIOR, 2014; COSTA, 2012; OLIVEIRA, 2015). The products and processes observed attest that these languages are full and lively, expand naturally in order to meet the new communicative and expressive needs of their signaling, like any other language. The purpose of this work was to provide support for the understanding of the structure and functioning of sign languages and, from a broader perspective, of natural languages.

Keywords: Productivity; Lexicography; Libras

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda aspectos da produtividade lexical na modalidade visual-espacial, dado a relevância das pesquisas sobre princípios universais que regem as línguas naturais, com o enfoque na ocorrência e registro de neologismos emergentes em contexto acadêmico, espaço em que permeia o contato entre o português brasileiro (PB) e a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

O crescente ingresso de discentes Surdos no ambiente acadêmico brasileiro, na última década, em virtude de conquistas em âmbito legal e pelo reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais como meio de comunicação e expressão de comunidades surdas, propiciou um cenário favorável à criação de novas unidades sinalizadas para referenciar palavras do léxico comum em PB e, em grande parte, terminologias dos diversos campos do conhecimento técnico e científico.

Sabe-se que a produtividade é um princípio inerente às línguas naturais e independe do sistema articulatório-perceptual que é acessado pelo falante, seja oral-auditivo ou visual-espacial. Assim, uma comunidade sinalizante é capaz de ampliar e renovar seu acervo lexical por diferentes recursos e processos linguísticos.

Faz-se necessário destacar que as línguas de modalidade visual-espacial contêm princípios subjacentes de formação semelhantes aos das línguas orais (FERREIRA-BRITO, 1995, FELIPE, 2006; QUADROS; KARNOPP, 2004). Neste artigo, parte-se da premissa de que existe um módulo linguístico na mente humana constituído de princípios responsáveis pela formação e compreensão das expressões linguísticas e, especificamente, dedicado à linguagem (CHOMSKY, 1957). A esse respeito, Kenedy (2013) ratifica que a capacidade da linguagem humana não se realiza unicamente por meio do canal oral-auditivo, como é expresso em comunidades de Surdos sinalizantes de línguas não oralizadas. Assim, os sons que constituem as unidades mínimas das línguas na oralidade podem ser substituídos por unidades visuais em línguas sinalizadas, denominadas de sinais.

Em Lourenço e Duarte (2014) tanto as línguas sinalizadas quanto as orais são regidas por uma mesma faculdade inata de linguagem. A essa faculdade de linguagem, a Teoria Gerativa dá o nome de Gramática Universal (GU). Assim, apesar da diferença de modalidade de expressão é de se esperar que as semelhanças entre as línguas orais e as línguas sinalizadas sejam maiores que as diferenças encontradas entre elas. Ao encontro do Princípio da Uniformidade proposto por Chomsky (2001), Lourenço e Duarte (2014) argumentam que na ausência de fortes evidências que apontem para o contrário, assume-se que as línguas são uniformes e as variações são restritas a propriedades facilmente identificáveis dos enunciados.

É consenso que a partir de combinações finitas de sons uma comunidade de fala pode produzir palavras, sentenças e discursos, expressando seu próprio pensamento e compreendendo os demais. O notável é que unidades sinalizadas desempenham o mesmo papel como constituintes de uma língua não oralizada, sem que a capacidade da linguagem seja alterada, ratificando a concepção de Hauser *et al.* (2002) sobre a linguagem humana como um fenômeno cognitivo, inato a qualquer indivíduo, configurando-se em um sistema organizado segundo princípios e regras que geram expressões linguísticas de maneira ordenada e previsível.

Assumimos neste artigo que as línguas de sinais assim como as línguas orais evidenciam princípios semelhantes para a ampliação de seu acervo lexical, em razão de serem regidas pelos universais linguísticos. Sob esse enfoque discutiremos sobre a produtividade em Libras e o fazer terminográfico de unidades sinalizadas.

Para tanto, este trabalho constrói-se da seguinte maneira: a primeira seção discorre sobre os aspectos lexicais envolvidos na formação de sinais em línguas de modalidade distinta da oral, sob o viés da Morfologia Distribuída; a segunda seção apresenta, em linhas gerais, o

arcabouço teórico sobre produtividade lexical; por fim, na seção 3, serão expostos os produtos lexicográficos e terminográficos produzidos em Libras na última década e a sua importância no contexto universitário brasileiro, espaço em que permeia o contato entre PB e a Libras.

1. ONDE ESTÁ O LÉXICO EM LÍNGUAS SINALIZADAS?

Os estudos no campo da Linguística têm compreendido a linguagem como uma característica biológica, o que significa que o ser humano nasce com um aparato da GU. Para Chomsky (1957), a linguagem diz respeito à capacidade humana de operar como uma língua, isto é, o comportamento linguístico dos indivíduos deve ser compreendido como uma dotação genética, interna ao organismo humano.

Nessa perspectiva, a língua é considerada como um módulo da mente humana, de sorte que toda criança, Surda ou Ouvinte, nasce biologicamente equipada com uma gramática na qual se encontram todos os dispositivos que possibilitam a aquisição de uma língua natural e justamente por possuir um aparato comum a toda espécie humana é que a gramática pode ser considerada universal. Sob esse viés, os princípios estão presentes na gramática mental de todos os falantes, porém as línguas naturais teriam parâmetros que as diferenciariam e, durante a exposição de uma determinada língua, o falante fixaria esses parâmetros alcançando a aquisição e domínio de uma gramática completa de uma língua natural.

Os trabalhos desenvolvidos dentro do quadro teórico da Morfologia Distribuída (MD) por Halle e Marantz (1993) apresentam uma remodelagem na arquitetura gramatical proposta nos estudos seminais da Teoria Gerativa, pois se dispensa o léxico gerativo. Os teóricos desenharam um novo modelo de gramática que desloca a morfologia de dentro de um componente lexical para um nível linguístico distribuído por todas as etapas da derivação sintática, assim, o processo de formação de palavras sai do confinamento exclusivo ao léxico, com propriedades e princípios próprios, e passa a ser regido pelas operações sintáticas como um todo.

Nos moldes da MD é a partir de operações sintáticas que raízes acategoriais são concatenadas a traços abstratos por meio de regras de inserção de conteúdo fonológico para se formarem as palavras. Dessa forma, aplicando-se o mesmo Princípio da Uniformidade (CHOMSKY, 2001) esse processo deve ser aplicável para explicar a formação de sinais em Libras. Finau e Mazzuchetti (2015) discorrem sobre esse processo:

O sistema linguístico seria, então, alimentado por traços formais abstratos, e esses traços sofreriam as operações sintáticas, como *merge* e *move*, formando primeiramente palavras e, em segundo momento, sentenças. Assim, a Morfologia Distribuída trabalha com estruturas sintáticas hierarquizadas *all the way down*, o que significa que o arranjo dos Itens de Vocabulário constitui uma hierarquia, estabelecida pela sintaxe (FINAU; MAZZUCHETTI, 2015, p.76).

Uma proposta de análise da formação de sinais sob os moldes da MD é vislumbrada por Minussi e Rodero-Takahira (2013) e se fortalece em Rodero-Takahira (2015). Os autores se apoiam em Stokoe (1960) que predica sobre os parâmetros formacionais observados na modalidade visual-espacial, a saber: Configuração de Mão (CM), Localização (L) e Movimento (MOV), sendo essas, então, as unidades linguísticas mínimas (fonemas) das línguas de sinais.

Análises posteriores apontaram outros dois parâmetros de formação fônica em línguas de sinais: Orientação da mão (OR) e os aspectos ou expressões não manuais dos sinais (ENM), além de funcionarem como fonemas e morfemas, também podem ser considerados como traços abstratos de um núcleo abstrato e, conseqüentemente, servem para compor a semântica dos itens lexicais.

Desta forma, os parâmetros que constituem o sinal nessas línguas exercem funções múltiplas. Essa hipótese assemelha-se ao que se verifica em línguas orais, segmentos fonológicos podem funcionar de maneira distinta em diferentes contextos, o que atesta que esta é uma característica da linguagem. Finau e Mazzuchetti (2015) argumentam que apesar de serem regidas pelos mesmos princípios universais que as línguas orais, as línguas de sinais apresentam uma diferença substancial no processo de combinação morfofonológica: enquanto essas unidades organizam-se em uma sequência horizontal linear nas línguas de modalidade oral, as línguas sinalizadas articulam seus elementos linguísticos mínimos simultaneamente.

Portanto, concebemos que as línguas de sinais compartilham dos princípios universais, refletindo a capacidade de que são dotados os falantes e sinalizantes nativos que lhes permitem produzir e compreender um número indefinidamente extenso de unidades discursivas. A capacidade composicional de formar e de compreender novos significantes, sintagmas e unidades frasais é exercida normalmente, isto é, de maneira espontânea.

Em síntese, Fromklim e Rodman (1993 em FINAU; MAZZUCHETTI, 2015) ratificam que as línguas de sinais assemelham-se às línguas em todos os aspectos principais, mostrando que verdadeiramente há universais da linguagem, apesar de diferenças na modalidade em que a língua é realizada.

2. PRODUTIVIDADE LEXICAL NA MODALIDADE VISUAL-ESPACIAL

É notável que as línguas naturais estão em constante evolução. Santos (2017) esclarece que algumas palavras tornam-se arcaicas, caindo em desuso, e outras se incorporam à língua, seja mediante processos inovadores de criação dos quais todas as línguas dispõem, seja por meio de empréstimos lexicais que representam os itens léxicos provenientes de outros sistemas linguísticos.

Em Sandmann (1997) há menção a três processos produtivos nas línguas naturais, o primeiro e primordial é a formação de novas unidades lexicais a partir de palavras ou morfemas já existentes em dada língua e, ainda, a capacidade de uma mesma palavra ou sinal poder assumir diferentes significados. Para designar novos conceitos, as línguas, em geral, não criam novas palavras a partir de formas completamente inéditas, mas, através do reaproveitamento de palavras já existentes em seu léxico. O segundo trata-se dos empréstimos de unidades de outras línguas e, finalmente, os neologismos que emergem em atenção às necessidades sociais e linguísticas.

Para Oliveira e Stumpf (2013), o fenômeno da produtividade lexical em línguas sinalizadas legitima que esse é um sistema linguístico que se amplia naturalmente em consonância às diversas mudanças que ocorrem no tecido social desta comunidade. Nos últimos anos, as autoras observaram a incidência de um *upgrade* na comunidade Surda, “expandindo rapidamente sua língua através de acesso a oportunidades que sempre foram seu direito e hoje começam a se tornar realidade” (OLIVEIRA; STUMPF, 2013, p.226).

Observa-se nessas línguas a ocorrência de processos através dos quais os sinais sofrem alteração para veicular significados tipicamente gramaticais (quantidade, negação, pessoa do discurso, intensidade), bem como outros que possibilitam que novos sinais sejam criados. Um deles consiste na alteração de pelo menos um dos parâmetros do sinal primitivo para designar um novo conceito, por exemplo.

Uma língua sinalizada é, portanto, um sistema legítimo que independe das línguas orais e atende de modo eficaz às necessidades de comunicação do ser humano, por ser dotada de complexidade e expressividade. Compartilhada coletivamente, cada língua sinalizada organiza-se gramaticalmente com elementos constitutivos de itens lexicais que se estruturam nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico e seguem princípios básicos gerais.

Em consonância, as línguas sinalizadas também apresentam componentes pragmáticos convencionais permitindo a seus falantes expressar sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais, integrando-os nas várias situações comunicativas cotidianas. Em Viader *et al.* (1999, p. 47) “a língua de sinais usando sua estrutura, sintaxe e gramática, sem o uso simultâneo e alternativo da língua falada, se expressa com elementos prosódicos e reflexões próprias”. Assim, essas línguas são plenas e vivas, ampliam-se naturalmente a fim de atender a novas necessidades comunicativas e expressivas de seus usuários, a exemplo de qualquer outra língua (HULST, 1995).

Santos (2017) expõe que a criação de novos sinais, além da relação direta com a vivacidade linguística, vincula-se às variadas transformações que ocorrem todo momento no tecido social, sejam elas de natureza econômica, política, técnica, científica, literária etc. Nesta perspectiva, Mandelblatt *et al.* (2012) mencionam o crescente ingresso de discentes Surdos no Ensino Superior no Brasil, nas últimas décadas, quando os sujeitos envolvidos no processo veem-se desafiados a criar itens lexicais, em Libras, que deem conta do universo conceitual correspondente às diferentes áreas curriculares de seus respectivos cursos.

Para as autoras trata-se de um desafio vivido principalmente pelos estudantes Surdos, “tanto na tentativa de construir sentido das informações que lhes são passadas pelos tradutores/intérpretes de Libras que atuam nas salas de aula, quanto nas tentativas de compreender os textos acadêmicos que precisam ler em cada disciplina” (MANDELBLATT *et al.*, 2012, p. 91). Essa experiência é compartilhada, ainda, entre os profissionais tradutores e intérpretes de Libras-Português, na tentativa de encontrar estratégias discursivas na língua sinalizada para transmitir conceitos atinentes aos vários campos de conhecimento, tanto no trabalho de interpretação simultânea em sala de aula quanto na tradução de textos acadêmicos para Libras.

Sendo assim, estudos sobre produtividade lexical em línguas sinalizadas vêm alcançando primazia no meio acadêmico devido ao reconhecimento de seu status linguístico e visibilidade no país. Conseqüentemente, nota-se a inserção dos sinalizantes em novos espaços sociais; prova disto, o aumento da presença de estudantes Surdos no cenário universitário brasileiro.

3. PRODUTOS LEXICOGRÁFICOS E TERMINOGRÁFICOS EM LIBRAS NO CONTEXTO ACADÊMICO

Diante do novo quadro social, os Surdos passaram a ocupar o ambiente acadêmico onde permeia o contato linguístico entre o PB e a Libras. Assim, estão expostos a vocábulos específicos e técnicos restritos às diversas áreas da Educação Básica e Ensino Superior. Notam-se, nesse contexto, inúmeras produções neológicas expressando verbetes ainda sem correspondência linguística na modalidade visual e, geralmente, desconhecidos dos sinalizantes da Libras, por historicamente não integrarem os espaços educacionais.

A esse respeito, Prometi (2013) aponta que a falta de vocabulário em Libras dificulta os Surdos adquirirem conceitos científicos ou técnicos, assim como a compreensão do conteúdo abordado em sala de aula. Outra questão apresentada por Castro Júnior (2011) é a ocorrência da criação de diferentes tipos de sinais relacionados a um mesmo conceito e termo, nos espaços educacionais onde os Surdos estão inseridos. Inclusive, o autor observou a diversidade de criação de sinais para referenciar um único termo dentro de uma mesma escola. Os sinais eram na verdade pensados em uma sala de aula específica, mas não eram validados junto aos demais alunos Surdos ou grupos sociais ali presentes, afirma o autor. Como consequência, várias criações de sinais para um mesmo conceito em um único local de uso.

Neste trabalho apresentamos um recorte das principais produções lexicográficas e terminográficas produzidas na última década no Brasil, o caráter neológico dessas ocorrências se sustenta por não haver registro dessas produções em dicionários da língua até então e, por serem utilizadas estritamente no ambiente acadêmico. Por certo, a falta de registro das ocorrências neológicas da Libras é recorrente nesses contextos universitários. Castro Júnior (2011) relata esta questão:

Muitos sinais são criados e produzidos em sala de aula, por exemplo, quando para uma palavra da Língua Portuguesa, não existe um sinal correspondente em LSB. Para isso um sinal é criado e não é disseminado, nem é reconhecido por uma instituição, com vistas a ser um sinal padrão (CASTRO JÚNIOR, 2011, p.43).

Sob esse viés, Castro Júnior (2011) considera de suma importância o registro dessas criações, pois a partir do momento em que se tem acesso a essas ocorrências, outros processos linguísticos podem ser vislumbrados e, além de contribuir para a descrição e explicação dos fenômenos linguísticos, poderá favorecer a identificação das variantes da Libras, por exemplo, e o desenvolvimento de estratégias que contribuirão para a valorização da língua de sinais com enfoque nos sistemas morfológico e lexical da língua.

O cenário atual das comunidades Surdas no Brasil tem incentivado a expansão e a difusão da Libras, sobretudo no contexto acadêmico, através da criação de glossários terminológicos bilíngues com o intuito de coletar e registrar as ocorrências neológicas nesses espaços e consolidar materiais de consulta e referência para os profissionais Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais atuantes em áreas distintas.

Fazemos menção de trabalhos recentes publicados com este fim: o *Glossário Letras-Libras*¹ desenvolvido por uma equipe de tradutores e pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, em meados de 2006, altamente relevante para instrumentalização dos profissionais intérpretes, acentuando a qualidade das aulas de graduação e pós-graduação e favorecendo pesquisas na área de língua de sinais e o uso pela comunidade surda; o *Glossário de termos acadêmicos em Libras*, elaborado por tradutores de Libras-Português e por docentes dedicados ao ensino da Libras, pertencentes à área da educação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, em 2010.

A relevante produção do *Manuário Acadêmico*², iniciada em 2012 no Departamento de Ensino Superior (DESU) do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, coordenado por Janete Mandelblatt e Wilma Favorito, executado por professores, alunos, ex-alunos e intérpretes de Libras, visa contribuir para a expansão lexical da Libras, registrando sinais existentes e propiciando a criação de novos sinais relativos às diferentes áreas curriculares do Curso Bilíngue de Pedagogia do INES.

Também, faz-se notório as produções resultantes de pesquisas desenvolvidas no Laboratório de Linguística de Língua de Sinais – LabLibras do CentroLexTerm da Universidade de Brasília – UnB, citamos o trabalho de mestrado de Costa (2012) que apresenta uma proposta de modelo de Enciclopédia Visual Bilíngue Juvenil denominado *Enciclolibras* do corpo humano. O inovador *Glossário Bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: Criação de sinais dos termos da música*, trabalho realizado por Prometi (2013). Recentemente, na área da educação, o trabalho de Castro Júnior (2014) que criou um banco de dados voltados para os termos de especialidade do ensino médio nas áreas de Geografia, Biologia, Matemática, Física, Química entre outras disciplinas que compõem o currículo do segundo grau, nomeado de *Projeto Varlibras*³.

¹ Disponível em: <http://www.glossario.libras.ufsc.br/>

² Disponível em: <http://www.manuario.com.br/home>

³ Disponível em: <http://indllibras.com.br/varlibras.php>

Finalmente, dentre tantas outras produções que têm sido realizadas com esse fim, a elaboração do *Dicionário Terminográfico Bilingue Bimodal do Ensino do Desenho Arquitetônico – Português/Libras*, consolidado por alunos do projeto BIC JÚNIOR de criação do Manual Técnico, oriundos do Centro Federal de Tecnologia de Minas Gerais – CEFET/MG, em parceria com a Universidade Federal do Estado de Minas Gerais – UFMG, em 2014, para subsidiar o ensino da disciplina Desenho Arquitetônico para deficientes auditivos e habilitar o público-alvo para a leitura e representação de projetos arquitetônicos.

Em face do exposto, o fenômeno de expansão lexical da Libras no contexto universitário aqui apresentado a partir de trabalhos relevantes produzidos nesta última década, evidencia por quais processos neológicos os falantes da Libras acessam para a criação lexical, propiciando, então, apontar um paralelismo entre os processos de criação de novos itens lexicais entre as línguas de sinais e as línguas orais.

Verifica-se que há processos derivacionais e flexionais análogos aos que caracterizam línguas orais-auditivas, o que viabiliza a compreensão da estrutura e do funcionamento da Libras, de línguas de sinais e, sob perspectiva mais abrangente, de línguas naturais.

Certamente, a organização e difusão de arcabouço lexicográfico e terminográfico torna-se imprescindível, pois possibilita comparar os processos e produtos com aqueles associados a outras áreas, instituições de ensino superior e outras línguas de sinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que é significativo o aumento das representações Surdas e por consequência o uso da Língua Brasileira de Sinais no cenário político, educacional e social nas últimas décadas (TUXI, 2015). Por meio de procedimentos legais como a implementação da Lei 10.436 de 24 de abril de 2012 (BRASIL, 2002), dispoendo sobre o reconhecimento da Libras, e o Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005) regulamentando a lei citada, “o sujeito Surdo passou a ter acesso às diversas áreas sociais, sendo garantido por lei o direito à acessibilidade linguística” (TUXI, 2015, p. 558).

Diante desse novo cenário social, os Surdos passaram a ocupar o ambiente acadêmico onde permeia o contato linguístico entre o Português e a Libras. Assim, estão constantemente expostos a vocábulos específicos e técnicos restritos às diversas áreas de formação do Ensino Superior. Notam-se, nesse contexto, inúmeras produções neológicas expressando verbetes sem representação linguística na modalidade visual e, geralmente, desconhecidos dos sinalizantes da Libras, por historicamente não integrarem os espaços educacionais (SANTOS, 2017).

Este artigo, além de se prestar à descrição das línguas de sinais, poderá ser extremamente útil aos estudos sobre a ampliação do léxico nas diversas áreas de especialidade. A relevância ainda se coloca devido aos inúmeros estudos morfológicos com foco na produtividade lexical das línguas na oralidade, sobre os quais, há anos, pesquisadores dedicam-se à investigação, contudo, em línguas sinalizadas tem-se um quadro diferente: os aspectos morfossintáticos da língua são pouco investigados e os estudos recentes e precursos.

Como salienta Castro Júnior (2011), é de suma importância o registro dessas criações na modalidade visual-espacial, pois a partir do momento em que se tem acesso a essas ocorrências neológicas, outros processos linguísticos podem ser vislumbrados e, além de contribuir para a descrição e explicação dos fenômenos linguísticos, poderá favorecer a identificação das variantes da Libras e o desenvolvimento de estratégias que contribuirão para a valorização da língua de sinais no país e a acessibilidade linguística no ambiente educacional.

Na atual conjuntura, pode-se dizer que as pesquisas linguísticas realizadas, até então, no âmbito da Morfologia de línguas de sinais são embrionárias. Tem-se a expectativa de que no futuro próximo as gramáticas das línguas de sinais estejam sistematizadas de modo que a inserção de novos verbetes possa ser descrita com informações lexicográficas completas.

Referências

- BRASIL. *Lei no 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, n 79, p. 23, 25 abr. 2002.
- BRASIL *Decreto Federal nº 5.626*, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 2005.
- CASTRO JÚNIOR, G. *Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira – Foco no Léxico*. 123f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP. Universidade de Brasília, 2011.
- CASTRO JÚNIOR, G. *Projeto Varlibras*. 259f. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP. Universidade de Brasília – UnB, 2014.
- CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- CHOMSKY, N. “Derivation by phase”. In: KENSTOWICZ, M. (org.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 1-52.
- COSTA, M. R. *Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclobras*. 151 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- FARIA-NASCIMENTO, S. P. de. *Representações lexicais da LSB: uma proposta lexicográfica*. 290f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Brasília, 2009.
- FELIPE, T A. Os processos de formação de palavra na Libras. *ETD - Educação Temática Digital*. Campinas, v.7, n.2, p.200-217, jun. 2006.
- FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Babel, 1995.
- FINAU, R. A.; MAZZUCHETTI, V. A incorporação de numeral em estruturas classificadoras de língua brasileira de sinais. *ReVEL*. v. 13, n. 24, 2015. Disponível em www.revel.inf.br. Acesso em 20 de janeiro de 2019.
- HALLE, M; MARANTZ, Al. “Distributed Morphology and the Pieces of Inflection”. In: HALE, Kenneth; KEYSER, S. Jay (Eds.). *The view from Building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993.

HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve?. *SCIENCE* 298. 2002, p. 1569-1579.

HULST, H. "Dependency relations in the phonological representation of signs". In: BOS, H.; SCHERMER, T. (Eds.). *Sign language research, 1994*. Munich, Hamburg: Signum Press, 1995, p. 11-38.

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

LOURENÇO, G.; DUARTE, F. B. Caso e concordância em Língua de Sinais Brasileira: Investigando verbos de concordância regular e verbos de concordância reversa. *Veredas* (UFJF. Online), v. 18, p. 342-366, 2014. Disponível em: http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/18-Souza_Bomfim.pdf . Acesso em: 20 jan. 2019.

MANDELBLATT, J.; FELIPE, T. A.; BAALBAKI, A.; FAVORITO, W. Processo de expansão lexical da Libras: estudos preliminares sobre criação terminológica em um curso de Pedagogia. *LSI – Lengua de señas e interpretación* v. 3, p. 89-102, 2012.

MINUSSI, R. D; RODERO-TAKAHIRA, A. G. Observações sobre os compostos da LIBRAS: a interpretação das categorias gramaticais. *Revista Linguística*. v. 9, n. 1, jun 2013. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica> . Acesso em: 19 nov. 2015.

OLIVEIRA, J. S. *Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário Letras-Libras*. 425f. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, J; S; STUMPF, M. R. Desenvolvimento de glossário de Sinais Acadêmicos em ambiente virtual de aprendizagem do curso Letras-Libras. *Informática na educação: teoria e prática*. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 217-228, jul./dez. 2013.

PROMETI, D. *Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da música*. 107f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2013.

SANTOS, H. R. *Processos de expansão lexical da Libras no ambiente acadêmico*. 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Geras, Programa de Pós-graduação em Letras e Língua Portuguesa, Belo Horizonte, 2017.

STOKOE, W. Sign language structure: An outline of the visual communication systems of the American Deaf. *Studies in Linguistics, Occasional Papers* 8. Buffalo: University of Buffalo Press, 1960.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODERO-TAKAHIRA, A. G. *Compostos na Língua de Sinais Brasileira*. 203 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-23112015-125742/> . Acesso em: 19 jan. 2019.

SANDMANN, A. *Morfologia lexical*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

TUXI, P. Proposta de organização de verbete em glossários terminológicos bilíngues - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 557-588, jul-dez, 2015. Acesso em: 15 jan. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nsp2p557/30725> . Acesso em: 20 jan. 2019.

VIADER, M. P. F; PERTUSA, E; VINARDELL, M. “Importância das estratégias e recursos da professora surda no processo de ensino e aprendizagem da língua escrita”. In: SKLIAR, Carlos (Org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos: interfaces entre pedagogia e linguística*. Porto Alegre: Mediação v. 2, 1999.

Hadassa Rodrigues Santos
hadassa.docencia@gmail.com

Recebido em: 24 jan. 2019
Aceito em: 23 Abril. 2019
Publicado em: Junho de 2019